

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

Escolarização e demografia na capitania de Porto Seguro

Rosa Virgínia MATTOS E SILVA¹

Emília Helena Portella Monteiro de SOUZA²

RESUMO: Este artigo trata da escolarização e demografia em Porto Seguro e se insere no âmbito dos estudos do PHPB, relativos à investigação da história social linguística do Brasil. Tem-se, como objetivo geral, apresentar o levantamento do percurso histórico de Porto Seguro, quanto à demografia e à escolarização, do século XVI ao século XIX. Como objetivos específicos, identificar o contingente populacional existente nesses séculos, nesse local; identificar, do ponto de vista educacional, qual(uais) o(s) sistema(s) de ensino, quem eram os docentes, e a quantos esse ensino atingia. A pesquisa desenvolvida se deu em fontes primárias, como relatórios e falas de Presidentes da Província da Bahia, e em fontes secundárias, censos e livros de historiadores do século XVIII, em diante. A investigação histórica sobre o português brasileiro passa por seu território, pelas populações que viveram em cada região, administrativamente constituída, desde o século XVI, com a divisão em capitanias. O decreto pombalino, no século XVIII, instituindo o português como língua oficial de comunicação, e outras determinações, teve repercussões do ponto de vista, não só social, administrativo, mas educacional. Pretende-se responder como essas fases se constituíram em Porto Seguro, no que diz respeito às suas populações sucessivas, e ao seu sistema educacional, considerando os séculos sob observação.

Palavras-chave: Porto Seguro; Demografia; Escolarização; Século XVI ao XIX.

ABSTRACT: This paper refers to the educational process and demography in Porto Seguro and belongs to the PHPB researches about the investigations of the linguistics social history of Brazil. It's main objective is to present Porto Seguro's historical timeline concerning demography and educational process from the 16th to the 19th centuries. Its specific objectives are to identify the existing population groups in these centuries and in this region; identify, from the educational point of view, which was/were the teaching system(s), who the teachers were, and how many students that/those system(s) was/were able to enroll and educate. The research was based on primary sources, such as reports and speeches from Bahia's province presidents, and on secondary sources such as the census and historians' books from the 18th century and more recent centuries. The historical investigation about Brazilian Portuguese passes through its territory and the populations that lived in each region, administratively constituted, since the 16th century, when the Brazilian territory was divided into "capitanias". Pombal's act, in the 18th century which, among other things, made Portuguese Brazil's official language had several implications not only in the social and administrative fields, but also in the educational scenario. We intend to find answers that could explain how these political changes affected Porto Seguro, considering its population and educational system, focusing the above referred to centuries.

Keywords: Porto Seguro, demography, educational process, 16th to 19th century

1. Introdução

¹ Rosa Virgínia MATTOS E SILVA é professora da UFBA/CNPq. E-mail: mattosesilva@hotmail.com

² Emília Helena Portella Monteiro de SOUZA é professora da UFBA/PROHPOR. E-mail: emiliahelena.pm@gmail.com

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

Este artigo é resultado de pesquisas que temos desenvolvido, dentro da história social, no âmbito do PHPB, que reúne dados e reflexões sobre língua portuguesa, escolarização e demografia, na Bahia, num percurso histórico: do século XVI ao século XIX. Já foram apresentados trabalhos sobre a Capitania da Bahia e a de Ilhéus. Neste texto, nos debruçamos sobre a capitania de Porto Seguro, dando ênfase a sua sede, Porto Seguro.

Segundo o historiador Jaime Cortesão, no seu livro *A colonização do Brasil* (1969, p. 101) a donataria de Porto Seguro se estendia por cinquenta léguas entre a do Espírito Santo e a de Ilhéus. Segundo o mesmo Autor, de sua obra ficaram testemunhos mais duradouros e resultados mais brilhantes.

O capitão Pêro do Campo Tourinho pertencia à pequena nobreza e era natural de Viana do Castelo. Segundo o referido historiador, era o donatário homem com grandes qualidades de iniciativa, esforçado, prudente, virtuoso e, ao que parece, entendido em coisas do mar, mas lhe escasseavam dotes de mando que o seu difícil caso exigia. Vendeu todos os seus bens e com o seu produto apresentou a frota em que embarcou com toda sua família, parentes e amigos, num total de 600 homens e mulheres em direção à sua capitania. Fundeou um pouco ao sul da enseada onde, em 1500, aportara Pedro Álvares Cabral.

Na foz do rio Buranhem, erigiu Pêro Tourinho a vila e hoje cidade de Porto Seguro, cabeça de sua capitania. Os colonos, segundo o Autor (p. 102), puderam estabelecer boas e duradouras relações com os tupiniquins, e, provavelmente, acrescidos por novos colonos, foi possível estender-se para o Norte e o Sul, fundando a vila de Santa Cruz e Santo Amaro.

Contudo, apesar de dotes positivos, o donatário foi vítima de uma conjura em que: “Se deram as mãos os interesses feridos, os vários contrariados e um sentimento que mediava entre o falso zelo religioso e um fanatismo torvo.” (1969, p. 102).

Foi denunciado à Inquisição, preso pelos próprios colonos a 24 de novembro de 1546, enviado ao reino onde compareceu ao Santo Ofício. Conseguiu justificar-se, mas, provavelmente, desgostoso e cansado renunciou em 1554 a favor de seu filho a posse da capitania, cuja exploração continuou sob o governo de Duarte de Lemos.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

Assim começou Porto Seguro!

Vale saber que, segundo o mesmo Autor, (p.88-89), as cartas de doação concediam ao donatário certo número de léguas de terra com a respectiva jurisdição jurídica e criminal. A capitania era inalienável, indivisível e taxativamente sujeita a regras de sucessão que a aproximavam dos morgados. O capitão era obrigado a repartir as terras de sesmaria, isentas de todo foro ou direito que não o dízimo de Deus à Ordem de Cristo, por pessoas que professassem a religião católica. Quanto aos engenhos, moendas de água ou marinhas podia o capitão exigir do sesmeiro um tributo pela licença respectiva. Para si o governador/capitão podia guardar certo número de léguas, em geral, 10 a 16, como terra sua livre e isenta, com um prazo de 20 anos e com condição de que a terra fosse repartida em quatro ou cinco lotes, distantes uns dos outros, duas léguas, pelo menos. Ao capitão cabia conceder a qualquer parente seu, maior porção de terra de sesmaria do que as distribuídas ou a distribuir aos estranhos. O capitão dispunha de regalias, como sejam: em suas terras não podia jamais entrar corregedor ou alçada estranha e sobre os seus delitos só poderia ser ouvido e julgado na corte, aonde o monarca, no caso D. João III, o chamaria. Foi o que aconteceu a Pêro do Campo Tourinho.

2. Porto Seguro: século XVI

No século XVI era uma região progressista, que devia muito à pesca do bacalhau. Era possível que Pêro do Campo Tourinho fosse descendente de uma dessas famílias de pescadores vianenses e que se dedicasse, ele próprio, à armação de barcos de pesca. Tourinho desembarcou em território bem conhecido pelos portugueses. Ao colocar os pés em terra o donatário deparou-se com um antigo povoado instalado na terra. Era certo João Tiba que vivia às margens do rio, o qual ainda hoje mantém seu nome; estaria ele no Brasil por volta de 1515. (BUENO, p. 232-233).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

Como acontecia em outras capitanias, eram os indígenas que forneciam os mantimentos que alimentavam os colonos. Os tupiniquins abasteciam cerca de 600, com farinha de mandioca, caça e pescado, além de frutas nativas – cajus, abacaxis, cupuaçus, sapotis, mamões, maracujás e pacovas. (BUENO, 233-234). Traziam também plantas medicinais (copaíba, jurubeba, jaborandi), e leguminosas (amendoim, feijões, gergelim), também resinas e fibras vegetais (tucum, caraguató, cipó-em-bé), para firmar ripas das casas de pau-a-pique. A principal fonte da capitania era a pesca da garoupa, que se torna uma indústria florescente. Aquela região também possuía matas de pau-brasil, no limite com a capitania de Ilhéus, ao norte de Porto Seguro. O problema devia-se aos afiados recifes de Abrolhos e as caravelas e naus passavam ao largo da capitania de Tourinho. Impossível, portanto, o comércio.

Além do confronto com os colonos, iniciou-se o assédio dos Aimoré a Porto Seguro. De humor ácido, Pêro Tourinho criticava padres, santos e até o papa. Documentos confirmam que a principal indignação de Tourinho era com a profusão de dias santos, quando não se trabalhava. Desentendeu-se com o vigário e com outros padres que viviam em Porto Seguro e foi então denunciado como herege ao Santo Ofício. O processo se arrastou por três anos. Da leitura dos autos, transparece que o motivo do conflito foi o fato de os colonos se recusarem a trabalhar seis dias por semana. Tourinho recebeu uma pena horrenda.

Embora a vila de Porto Seguro tenha se mantido habitada, os outros povoados fundados por Tourinho – Santa Cruz, Santo Amaro, Comagi – logo se despovoaram, atacados e destruídos pelos Aimoré. A maior parte de seus habitantes se transferiu para a capitania de Pernambuco.

2.1 Configuração demográfica em Porto Seguro do século XVI para a metade do século XVIII

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

Segundo a historiógrafa Vera Telles (1987, p. 134), no final do século XVI, as colônias portuguesas no Brasil teriam apenas 57.000 habitantes, apoiando-se a Autora em Anchieta. Calculando-se cinco pessoas por casa seriam:

POPULAÇÃO	TOTAL
Branços	25.000
Índios civilizados	18.500
Escravos	14.000
TOTAL	57.500

Dos 25.000 brancos, 700 eram de Porto Seguro. A referida Autora, seguindo Jaime Cortesão, diz: “Porto Seguro e Vera Cruz, em 1585, havia 50 moradores em cada uma, e mesmo assim continuaram a ir-se despovoando lentamente, a ponto de os próprios jesuítas abandonarem a capitania em 1602”. (p. 134).

Ao findar o século XVI, o Brasil estava dividido em dois governos gerais – um, com sede no Rio de Janeiro, chefiado por Antônio Salema, e Salvador continuava como capital do estado do Norte, que compreendia os territórios até Ilhéus.

Porto Seguro cercada pelos índios, quase soçobra.

Segundo Varnhagen (*apud* TELLES, 1987, p. 140-141), Porto Seguro era das capitanias mais pobres e mais mal governadas, possuindo apenas um engenho.

Em 1627, Porto Seguro foi elevada a marquesado em favor da donatária Ana de Sande, dama da Rainha. Quando D. José sobe ao trono, onde permaneceu por 26 anos, eram onze as capitanias que ainda tinham donatário. Porto Seguro era uma delas (TELLES, 1987, p. 149). O último donatário de Porto Seguro foi D. José de Mascarenhas Lencastre, executado em Lisboa, em 1759, envolvido que estava na conspiração dos Távora, por tentativa de regicídio contra D. José I.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

Em 1777, começa o reinado de D. Maria I. Nessa altura o Marquês de Valença foi nomeado Governador e Capitão-Geral da Bahia, cuja população se avaliava em 270.356 almas, segundo Varnhagen (*apud* TELLES, 1987, p. 152). A comarca de Porto Seguro, 8.333 almas.

3. A propósito dos jesuítas

A Companhia de Jesus, como é sabido, chega ao Brasil com o primeiro Governador Geral, Tomé de Souza, em 1549. As primeiras missões jesuíticas serão estabelecidas, tanto na baía de Todos os Santos como em Porto Seguro. Ficavam perto do mar, para os índios os poder manter pela pescaria e perto das matas, para fazerem seus mantimentos.

Encontraram os jesuítas em Porto Seguro religiosos seculares: na freguesia de Porto Seguro, o padre Diogo de Oliveira (cf. Capistrano de Abreu *apud* TELLES, 1987, p. 70).

Os jesuítas chegaram a Porto Seguro em 1549, sendo Manoel da Nóbrega o primeiro, tendo pouso momentâneo de onde escreve uma carta sobre a malandrice dos reinóis e a escravidão, que o revolta. (TELLES, p. 82).

Iniciada a catequese, em Porto Seguro, não teve bom êxito. Segundo Varnhagen (*apud* TELLES, 1987, p.83), o padre Azpilcueta Navarro foi logo mandado a Porto Seguro. Serafim Leite, historiador da Companhia de Jesus, diz: “No Porto Seguro tentaram organizar uma confraria para educação e instrução dos meninos. A confraria não prosperou, entretanto, porque as condições morais e econômicas da terra se revelaram precárias.”

Dentre os jesuítas foi o Padre Navarro o primeiro a aprender a língua indígena e dela se utilizou desde 1550, na pregação aos selvagens, o primeiro mestre e missionário do gentio. Azpilcueta teve, em Porto Seguro, a companhia do Padre Ambrósio Pires, que ficou, naquele local, na companhia do irmão Blasques, e se ocuparam em ensinar cristãos e índios. (cf. Telles, p. 84).

Anchieta esteve em Porto Seguro, em cartas informa, entre outros assuntos que:

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

Na [vila] de Porto Seguro há 2 villas de Portuguezes, 4 leguas uma da outra, e 2 aldeias de Indios da doutrina a 5 leguas, de que os nossos tem particular cuidado, e outras 7 ou 8 aldeiasinhas a 4, 5 e 6 léguas por terra, e 2 ou 3 engenhos de assucar junto dellas, às quaes acodem de quando em quando; [...] (Ib. p. 86).

Informa ainda Anchieta sobre os colonos portugueses:

Os homens e mulheres portuguezas ... se tratam com fausto, máxime as mulheres que vestem muitas sedas e jóias e creio que levam nisto vantagem, por não serem tão nobres, às de Portugal e, todos, ... se fazem senhores e reis por terem muitos escravos e fazendas de assucar, por onde reina o ócio e lascívia e o vicio da murmuração geralmente [...]. (*apud* TELLES, p. 86).

Ainda segundo a referida Autora, ficaram famosos, em Porto Seguro, os jesuítas Francisco Pires e Vicente Rodrigues. O último construiu uma ermida, esta ainda lá se ergue, do outro lado do Buranhem, chamada Nossa Senhora da Ajuda. Hoje é o famoso Arraial da Ajuda, a sua festa é pouco antes da de Nossa Senhora da Penha, que fica na cidade Alta de Porto Seguro. Correu a notícia de que a Senhora da Ajuda era milagrosa, porque, quando os aimorés, uma vez, atacaram o povoado, os padres enterraram a imagem sob o altar e a terra ficou consagrada.

Em 1573, na “Informação jesuítica de Porto Seguro”, descreve-se a capitania em “duas vilas e duas povoações, afora os engenhos e trapiches”.

A vila de Porto Seguro possuía então:

78 vizinhos
500 escravos

A vila de Santo Amaro dista da outra, para o sul três quartos de léguas e possuía:

36 vizinhos
220 escravos

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

Considerando-se as duas vilas antes referidas, ter-se-ia um total de:

POPULAÇÃO	TOTAL
Vizinhos	114
Escravos	720
TOTAL	834

Seria essa a população da Capitania que fora de Pêro do Campo Tourinho, ao findar o século XVI; note-se que os indígenas seriam os tupiniquins e os aimorés. Os primeiros do tronco linguístico tupi, os segundos, do tronco macro-gê.

Entre “vizinhos”, isto é, brancos/portugueses, escravos, isto é, africanos e indígenas tupi e gê se formava certamente uma situação de contacto linguístico que, provavelmente, propiciaria a formação de uma variedade da língua portuguesa com características próprias.

Esses dados, embora rarefeitos, dão alguma informação sobre Porto Seguro nos séculos iniciais do descobrimento.

4. Porto Seguro – séculos XVIII e XIX

Luis dos Santos Vilhena veio para o Brasil, entre os professores enviados para cá pela reforma pombalina, expulsos que foram, pelo referido marquês, os jesuítas. No fim de sua ingloria vida na Bahia, como professor de grego, escreveu Cartas que deveria entregar ao rei D. José I, mas que nunca foram.

Na Carta VIII, informa sobre Porto Seguro:

Sobre a já Comarca de Porto Seguro, diz Vilhena que pertenceu a capitania à Casa de Aveiro e quanto ao Governo eclesiástico era comarca do rei D. João IV. Quanto ao governo secular e militar estava ligada à Capitania da Bahia, da qual distava 17 graus ao sul, e 72 léguas distante da Bahia, na margem austral estava o rio Grande.

Diz Vilhena, que a cabeça da comarca – a vila de Porto Seguro - está em plano elevado, deleitável à vista. Apresentava excelentes pastagens para gados; roças de mandioca,

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

algodões e canas (que reduzem a aguardentes), mel e pouco açúcar. A pescaria era de garoupas e meros. Apresentava ótimas matas e o terreno era muito frequentado pelo gentio.

Quanto à vista de Porto Seguro, era uma povoação de “índios mansos” e sua localização obiava irrupções de “bárbaros” (os aimorés ou não de língua do tronco tupi).

Encontrou Vilhena uma fazenda de monges beneditinos, Traípe, com uma capela e um monge fazendeiro, com onze escravos que lavravam café, cacau, algodão, legume. Por terra havia uma estrada real, quatro léguas da vila de Porto Seguro, pelo rio oito léguas. Em Vila Verde havia três companhias de índios sujeitos ao capitão-mór.

Porto Seguro foi erigida em vila, quando da reorganização da capitania, no tempo de D. José I. Quanto à população apresenta Vilhena, a partir do mapa das freguesias:

COMARCAS E VILAS	ORAGOS	FOGOS	ALMAS	OBSERVAÇÕES:
Comarca de Porto Seguro e suas vilas	1. N.S. Penha	326	908	30 léguas de costa despovoada e infestada de gentios. Governo eclesiástico, ligado ao Rio de Janeiro e o civil à Bahia.
	2. Stº Antônio	370	850	
	Caravelas	125	380	

Assim, uma vez que Vilhena escreve suas famosas e informativas cartas, em 1789, haveria na Comarca de Porto Seguro: 1210 almas.

Tudo indica que Vilhena não considerou nem os gentios nem os escravos: de 114 vizinhos no final do século XVI para 1210 “almas” ao fim do XVIII.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

Almeida Prado (1945, p. 326), ao se referir a Thomas Lindley,³ apresenta alguns de seus depoimentos sobre Porto Seguro, do início do século XIX: pobreza geral de Porto Seguro, “e repetia o que tres séculos antes dele escrevia o primeiro administrador luso do Brasil [...] quando asseverava a El-rei que as melhores minas do Brasil estavam na agricultura.” Isso por conta dos abundantes cursos de água para o transporte de seus produtos, uma referência ao Rio Grande, que marcava o limite da Capitania com a de Ilhéus, e que, segundo Lindley, estava inexplorado.

Também, “A sede da capitania segundo o viajante, apresentava aspecto pior que a cidadezinha de Caravelas, no extremo sul de Porto Seguro, na raia de Espírito Santo. Um dos melhores edifícios era a residência do governador civil por ter sido o antigo colégio dos jesuítas.” (p.327)

Almeida Prado (id. p. 328) faz uma referência ao trabalho do capitão-mor João da Silva Santos, sob o título *Mapa e Descrição da Costa*, o qual traz uma relação de Porto Seguro, em 1803, dando ideia do seu estado, no mesmo momento em que Lindley visitava a capitania. Eis o mapa de Porto Seguro:

Havia na rua do Colégio trinta casas, das quais três sobrados entre *chãos devolutos* de ambas as partes. Continuando, alargava-se e tomava o nome de Misericórdia, porque ia ter ao hospital, com 24 casas, das quais duas de sobrado, e alguns chãos batidos. Voltando pelo lado oeste, a forma meio quadro, estreitava-se e tomava nome de S. Sebastião, com 32 casas, e *nella tão bem há bastante chãos devolutos*. Ao lado da Misericórdia via-se na parte oeste um largo terreno onde fora a antiga matriz, e nas proximidades mais duas ruas, a Nova com 18 casas, e em outra muito curta, mais 15. Nisto consistia a povoação, com as mesmas igrejas e capelas dos séculos anteriores, sem mais novidades a não ser as ruínas que aos poucos as invadiam.

³ Lindley, um inglês que, em viagem que tinha como destino o cabo da Boa Esperança, “foi forçado a arribar na Bahia, em 1802, para refazer-se dos temporais”, e depois de um mês de estadia, foi para Porto Seguro, para seguir viagem para o Rio de Janeiro. Este inglês passou por averiguações, ficou detido por comércio ilegal de pau-brasil, ouro e diamantes, conseguindo a liberdade, em 1803. De volta à Inglaterra, publicou o livro: “Narrative of a voyage to Brazil; termination in the seizure of a British vessel; and the imprisonment of the author and the ship’s crew by the Portuguese”. (TELLES, p.159)

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

A maior produção dos habitantes, diz o Autor, consistia em sal, farinha de mandioca, madeiras de pesca de garoupa, para abastecimento da cidade do Salvador. Havia a construção de barcos rudimentares, ou reparos nos que já estavam feitos, assim como no “amanho de rês, tal como se fazia nos séculos 16 e 17”. Os principais habitantes tinham propriedades, geralmente situadas às margens do rio Buranhem. (p.329)

Francisco Vicente Vianna, em *Memória sobre o Estado da Bahia* (1893, p. 102), apresenta a população de Porto Seguro, nos anos de 1872 e 1892:

ANO	1872	1892
TOTAL	3168	4246

Houve, em 20 anos, apenas um acréscimo de 1078 pessoas.

5. Sobre populações indígenas da Bahia no final do século XIX

Em artigo de 1988, informa Hildete da Costa Dória, o que segue sobre os indígenas no sul da Bahia.

1. Santa Cruz – na foz do rio João de Tiba, município de Santa Cruz Cabralia, município de Porto Seguro (1861), habitavam índios botocudo, mansos, integrados.
2. Vila Verde, à margem direita do rio Buranhem (município de Porto Seguro), habitavam índios Mogoió e Botocudo, mansos, integrados, que viviam dispersos pelas matas da Vila, já que suas terras se encontravam em poder da Câmara.
3. Trancoso, na foz do ribeiro de Trancoso, município de Porto Seguro, índios de etnia não mencionada, “civilizados” (integrados), lavradores. As suas terras eram indevidamente administradas pela Câmara. (p. 86).

A Autora no item *contigente demográfico* informa que no Litoral meridional em 1850-1860 (p.88):

LITORAL MERIDIONAL

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

Nº de aldeias	Pop. média / área	%
20	2.234	39.790

O percentual se refere ao S. Francisco (2.5), Litoral Norte (42.5), Litoral Central (15.3). Assim os indígenas do Litoral Meridional só perdiam para os do Litoral Norte.

6. A escolarização

Com Tomé de Souza, em 1549, chegaram também à Bahia seis padres jesuítas, deles sendo o superior o padre Manoel da Nóbrega. Esse escreve várias cartas ao Padre Mestre Simão Rodrigues de Azevedo, Provincial da Companhia de Jesus em Portugal, dando notícias locais sobre as ações dos padres jesuítas e suas. Encontram-se em Accioli, em seu livro “Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia” (1919 [1835]), com comentários de Braz do Amaral, algumas dessas cartas.⁴ Seguem notícias de Nóbrega, da Bahia, em 1549:

O padre Leonardo Nunes mando aos Ilhéos e Porto Seguro, a confessar aquella gente que tem nome de Christão, porque me disseram de lá muitas misérias... elle escreverá a Vossa Reverendissima de lá largo. Leva por companheiro a Diogo Jacome, para ensinar a doutrina aos meninos, o que elle sabe bem fazer [...]. (p. 283)

Nóbrega, em 1550, em carta datada de 06 de janeiro desse ano, trata da viagem feita por ele, de Ilhéus para Porto Seguro. Em Ilhéus, encontra-se com o padre Leonardo Nunes e Diogo Jacome e seguem para Porto Seguro:

[...] onde achamos toda a terra revirada pelas muitas inimizades que ahi havia e quis o Senhor que por taes voltas conhecêssemos todos [...] [O Padre Leonardo Nunes seguiu para São Vicente], Diogo Jacome e eu ficamos neste Porto Seguro. Eu prego aos domingos, elle ensina a doutrina christã e já os meninos estão bem adiantados nella [...]. (p. 324)

⁴ No livro de Accioli (p.262), há a informação de que as cartas dos jesuítas sobre o Brasil, existentes na Biblioteca Nacional, foram copiadas pelo Prof. Braz do Amaral, em agosto de 1918.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

Há uma carta do Padre Antonio Gonçalves, da casa de São Pedro de Porto Seguro do Brasil, para o Padre Dioguo Mirão, provincial de Portugal, escrita em 15 de fevereiro de 1556, apresentada por Braz do Amaral, na parte de seus comentários, em que o Padre diz:

O irmão Domingos Borges se occupa na escola com os filhos dos brancos, ensinando-lhes a leer e a escrever os quaes por haverem pouco que começarão lem e escrevem ya bem mediocrementemente; também se occupa em preguar na lingua aos domingos e Santos a escravaria, ensinando-lhes a doutrina todos os dias, em outros officios de casa, juntamente, estudando latim e sendo interprete nas cõffissões.

Com a escravaria da terra se há feito e faz fruto, acode bem à doutrina que se lhes cada dia faz, aos domingos e Santos, ahi mais como cousa delles, porquanto polos outros dias andando occupados com seus senhores nas rossas não há tanto vaguar para isso, cõfessão-se muito a miúdo [...]. (ACCIOLI, p. 375-378).

Assim começou a aprendizagem da leitura e da escrita, juntamente com a catequese. Pelo que está exposto nas cartas dos jesuítas, verifica-se que os filhos dos brancos aprendiam a ler e a escrever, também os escravos passavam pela aprendizagem da doutrina, além dos nativos. Os jesuítas liderados por Nóbrega, especialmente os sempre referidos padre Leonardo Nunes e o irmão Diogo Jacome serviram em Ilhéus e Porto Seguro, duas capitâneas que posteriormente foram incorporadas à Bahia. No excerto da seguinte carta de Nóbrega, de 9 de agosto de 1549, endereçada ao Padre Mestre Simão Rodrigues de Azevedo, (ACCIOLI, p. 319-322), verifica-se que os jesuítas agiam nessas capitâneas de forma semelhante quanto ao ensino, dirigido também aos escravos. Nóbrega faz referência ao fato de ter mandado o padre Leonardo Nunes para Ilhéus e acrescenta: “[...] foi com elle Diogo Jacome, que faz muito fructo em ensinar aos moços e escravos”.

Também Primitivo Moacyr (1936), referindo-se ao início das atividades de ensino dos jesuítas, logo que chegaram com Tomé de Souza a Salvador, diz que: “Enquanto esta atividade se desenvolvia na sede do governo geral (Bahia), fato semelhante se nota em Porto Seguro, onde aprendiam a ler os filhos naturais da terra; e em São Vicente, logo após a chegada de Leonardo Nunes, em fins de 1549 [...]” (p. 10)

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

Moacyr faz referência à instrução nesse período: “O estado da instrução em 1575, segundo dados oficiais, era o seguinte: em Porto Seguro uma escola de ensino preliminar, em São Vicente outra [...]” (p.12).

Os jesuítas permaneceram no trabalho catequético, nessa região de Porto Seguro, por 210 anos, considerando-se a sua chegada em 1549, até a sua expulsão em 1759, por ato do Marquês de Pombal. Telles (1987, p. 88) faz referência à escola dos jesuítas, apresentando um trecho da carta do padre Serafim Leite: “Assegurada a escola com Simão Gonçalves e mais alguns novos irmãos” [...].

Como visto em partes deste texto, os moradores de Porto Seguro, no século XVI, viviam em plena pobreza, e sob o ataque constante dos aimorés. Segundo Telles (p. 128), “Gandavo e Gabriel Soares indicam 1564 como a data de início, em Porto Seguro e Ilhéus, das devastações e assalto dos aimorés, mas Jaime Cortesão opina que já na capitania de Porto Seguro os estragos causados pelos índios em 1560 eram causa de ruína tamanha e tão viva inquietação, que os moradores se viram em sério risco de ter que abandonar a terra.” Pelas informações prestadas por Almeida Prado (1945, p. 323) percebe-se que essa situação se estende aos séculos seguintes. Diz esse Autor “A ameaça dos Aimoré, as quisílias entre brancos e a modorra invadindo a capitania, culminaram na extinção dos jesuítas em 1760. Nessas condições ativa-se o êxodo de quantos nutriam alguma ambição e podiam se mudar para sítio de maior atividade econômica.”

Com a expulsão dos jesuítas, fica extinto, também, o ensino aliado à doutrina. Pombal imprime um novo sistema de ensino a Portugal e às suas colônias, através das aulas régias, com a nomeação de professores. Esses eram remunerados através do Subsídio Literário, que era o imposto pago pela comercialização de alguns produtos, como dos açougues, aguardente, etc., na Capitania da Bahia, cobrado pela Junta da Real Mesa Censória, através da Câmara, exclusivamente para esse fim.

Vilhena (1969, p. 276; 286) refere-se à situação desses professores, que passavam meses e até anos sem receber os seus proventos. Esse Autor apresenta um Mapa, “Mapa do

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

Rendimento do Subsídio Literário que na Tesouraria Geral da Bahia foi recebido das diferentes Câmaras da mesma Capitania em três anos, de 1795 a 1797.” Em uma parte deste mapa estão discriminadas as “Povoações” e o que foi arrecadado nos três anos, de 1795 a 1797, e a soma total. Na segunda parte do mapa estão discriminados os distritos, nome dos professores, cadeiras que exercitam; povoações onde residem; quanto vencem por ano; o que se lhes deve em dinheiro; quantos meses.

São informações sobre a, então, Comarca de Porto Seguro⁵. São três professores:

PROFESSORES	CADEIRA	LOCAL DE RESIDÊNCIA	MESES DEVIDOS
José Maurício Ribeiro	Ler e escrever	Vila dos Ilhéus	12 meses
Pe Manuel Roiz de Oliveira	Gramática Latina	Vila de Camamu	12 meses
João José Facio	Ler e Escrever	Vila de Porto Seguro	12 meses

Pelo que se pode observar, dos três professores da Comarca de Porto Seguro, apenas um residia lá, os demais residiam em vilas distantes. Além desse fato que concorria para a deficiência do ensino, viviam sem receber os seus proventos. As dificuldades existentes deviam comprometer a qualidade do ensino, além de outras de natureza social, como visto, em parte deste texto.

No século XIX, Almeida Prado (p. 332) refere-se a observações de Lindsay quanto à instrução: “Notava o inglês os males causados pela expulsão dos jesuítas quando alude à falta de instrução das melhores classes. Somente algumas mulheres sabiam ler; e escrever, era uma arte que apenas poucos homens conheciam na colônia.”

Segundo o censo de 1872, do total de 3044 habitantes em Porto Seguro, entre brasileiros e estrangeiros, apenas 229 sabiam ler e escrever. Seguem os dados discriminados:

⁵ Segundo Telles (1987, p. 149), em 1762, quando a capital do Brasil foi transferida de Salvador para o Rio de Janeiro, à Bahia foram incorporadas as antigas capitanias de Ilhéus e Porto Seguro, essas já pertencentes à Coroa.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

Sabem ler e escrever						Não sabem ler nem escrever			População total
Brasileiros			Estrangeiros			Brasileiros e estrangeiros			
Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	
137	92	229	29	11	40	1439	1376	2815	3044

FONTE: IBGE, Censo 1872.

Segundo o censo de 1890, do total de 2410 habitantes em Porto Seguro, entre brasileiros e estrangeiros, apenas 515 sabiam ler e escrever. Seguem os dados discriminados:

Sabem ler e escrever						Não sabem ler nem escrever			População total
Brasileiros			Estrangeiros			Brasileiros e estrangeiros			
Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	
328	171	499	15	01	16	829	1066	1895	2410

FONTE: IBGE, Censo 1890.

Palavras finais

As conclusões a que se chega é que a Capitania de Porto Seguro pouco prosperou, do século XVI ao XIX. Se no século XVI, com a ação dos jesuítas houve algum tipo de

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

progresso, essa se deu com a formação da própria vila, com a edificação das moradias, das igrejas e com a ação educacional e doutrinária dos jesuítas. Os donatários pouco investiram na capitania, sendo essa caracterizada pela pobreza, em geral, e de seus habitantes. As desordens, as inimizades entre os colonos, além disso, a ação dos índios aimorés, que durante dois séculos devastaram as vilas, com suas investidas, obrigando muitos moradores a se mudarem para outras regiões. Na segunda metade do século XVIII, quando houve a expulsão dos jesuítas e mudança do regime educacional para o ensino laico, e que Porto Seguro foi incorporada à Bahia, pouca coisa mudou. Até o século XIX, pouco foi feito pela educação, haja vista o que apresentam os dois censos, o de 1872 e o de 1890, com um total numérico muito superior de habitantes que não sabiam ler e nem escrever, havendo, assim, a prevalência do analfabetismo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA PRADO, J. F. (1945). A Bahia e as Capitânicas do Centro do Brasil (1530-1626): história da formação da sociedade brasileira. I Tomo. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

BUENO, Eduardo. (1999). Capitães do Brasil: os (...) primeiros colonizadores. Rio de Janeiro: Objetiva

CORTESÃO, Jaime (1965). A colonização do Brasil. Lisboa: Portugália. DÓRIA, Hildete da Costa (1988). Localização de aldeias e contingente demográfico das populações indígenas da Bahia entre 1850 e 1882. *Cultura* 1 (1) 79-90. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia.

MOACYR, Primitivo. (1936) A instrução e o império: subsídios para a história da educação no Brasil. (1823-1853). V.I. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

SILVA, Ignacio Accioli de Cerqueira e. (1919 [1835]). Memórias históricas e políticas da Província da Bahia. Bahia: Imprensa Oficial do Estado.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

TELLES, Vera. (1987). Porto Seguro: história e estórias. Rio de Janeiro: Leo Cristiano Editorial Ltda.

VIANNA, Francisco Vicente. (1893). Memória sobre o Estado da Bahia. Bahia: Typhographia e Encadernação do “Diario da Bahia”.

VILHENA, Luís dos Santos. (1969). A Bahia no século XVIII. v. II. ed. Itapuã.